

LEANDRO GOMES DE BARROS
CASAMENTO A PRESTAÇÃO



O TESTAMENTO
DE
«CANÇÃO DE FOGO»

CASAMENTO A PRESTAÇÃO

O atraso do Brazil
É esta desunião
Cinema jogo de bichos'
Automoveis e balão
Esses seguros de vida
E negocio a prestação

Quem enventou prestação
Não foi mais que Italianno
Uma nação que d'alli
Tira-se um bom por engano
O mais serio que tem là
Passa quináo em c'gano

E aqui em Pernambuco
Progrediu esta envenção
Hoje é plaxe de negocio,
Da capital ao sertão
Ja temos visto até noivo
Comprar noiva a prestação

Ha quem diga assim mesmo
Que o ceculo é civilisado
Eu para faser favor
Não fallo, fico calado
Elle tem luz como as noites
Sem lua em tempo turbado.

Os do tempo do atraso
Tinham carater e ação
Criavam bem as familias
Davam boa criação
Alguns do ceculo das luzes
Vendem filhas a prestação

Um homem naquelle tempo
Que chamam-lhe ceculo escuro
Uma abenção dos pais velhos
Era um brilhante futuro,
Hoje querem ter mãe velha
Para botar no seguro

Elle ver que a mãe é pobre
Morre e não deixa dinheiro
Elle diz antes que a perca
Vou segural-a primeiro
Isso é igualmnte ao porco
Que se bota no chiqueiro.

Eu não sensuro ninguem
Tal cousa nunca farei
Está meu confessor que diga
Tal culpa nunca acusei
E principalmente hoje
Que a pouco me confessei

Tanto que na confisção
Só discubri culpa aleia
O namoro de uma velha
Que não obsta ser tão feia
A vida de uma viuva
Que ja morou na cadeia.

Contei a vida de um velho
Que diz que ja foi honrado
A honra desmantelou-se,
Elle ficou relachado
Para a filha se cazar
O noivo comprou-a fiado.

João Triste sem nem um X
Pediu Antonia Bisonha,
Disendo a Marco Subêjo,
Venho pedir-lhe a Totonha
Disse Marco: sem dinheiro?
Ja por alli sem vergonha

Disse João Triste Sr. Marco
Vêja as minhas condições
Espero satisfazer-me
Com suas bellas acções
Eu caso com a menina
Pago em quatro prestações,

Disse Marco assim me serve
Mas se o senhor não pagar?
Eu vou lhe esclarecer logo
O que ha de resultar
Se eu não fôr indenizado
Minha filha ha de voltar

O senhor diz que não pode,
Pagar tuuo de uma vez
Da-me cecenta mil reis
Sendo quinze em cada mez
Paga a primeira e depois
Podendo paga-me as trez,

A Totonha não é feia
Não é lá muito formosa
Os defeitos que ella tem
Não a põe defeituosa
Hontem a mãe d'ella me disse
Minha filha é uma rosa,

Se ella tivesse cabelo
E não fosse desdentada
Se não faltasse-lhe um olho.
Não tivesse a pá quebrada
A mais de quatorse annos
Ella ja estava casada

Foi João triste ao capelão
E lhe disse que queria
Cazar n'aquella semana
Mas arame não havia
Porem em trez prestações
Elle depois pagaria,

Comprou a moça fiado
Fiado tambem casou
Teve um filho e a parteira
Fiado foi quem o pegou,
E foi justo a prestações
O padre que o baptisou

Depois de casado um anno
Estava o João em disatino
O sogro chegou-lhe em casa,
Que vinha mesmo ferino
A parteira veio e disse
Ou meu cobre ou o menino.

O padre mandou a elle
Uma embaxada medonha
Que lhe mandasse o dinheiro
Senão tomava a totonha
Veio o sacristão e disse
Ou meu dinheiro ou bisonha

Eis ahi as prestações
O que pode rezultar,
Mulher e resto de mesa
Agente não vende, dar
E só mesmo à prestação
Se pode negociar.

TESTAMENTO DO «CANÇÃO»
DE FOGO

Então batendo na porta
Com pouco um homem chegou
Que deseja o cavalleiro?
O homem lhe perguntou
Sou o dono d'este predio
O homem alli o fitou

De qual predio meu senhor
Deste aqui que você mora,
Isso é conto do vigario
É cedo inda não é hora
Ahi bateu o postigo,
Nem falou mais foi embora

O Dr, João de Siqueira
Disse: momentos damnados!
Ficou possesso de tudo
Porèm minutos passados
Foi ao cartorio e mandou
Dar buscas nos registrados

Foi ao cartorio, bateu
Sahiu o tabelião
O Dr. disse: me consta
Que o collega è escrivão,
Venho vêr em seu cartorio
Copia d'uma certidão.

E ahi puchou do bolço
Os papeis do testamento
E disse: o colega veja,
Se acha este apontamento,
Vêja se não está legal
Todo este meu documento?

Encontraram a escriptura,
Da casa ja refirida
Vendida pelo o doutor
Felix Teixeira Guarida
Comprada para uma orfã
Da viuva Margarida

Collega como foi isso ?
Perguntou o tabellião
Foi um conto do vigario
Passado por um ladrão
Disse o tabelião :--- esse
Foi igualmente ao «Cancão»

Pois foi esse tal «Cancão»,
Morreu no Rio de Janeiro
Disse-lhe o tabelião,
Esse era um grande estradeiro
Quando elle era pequeno
Roubou esse mundo inteiro,

Aqui mesmo de uma vez
Uma noite de S. João
Um ladrão foi roubar elle
E elle roubou o ladrão
E o gatuno por isso
Acabou-se na prisão

O ladrão tinha dois contos,
Que de alguém tinha roubado
E julgando que «Cancão
Fosse um vendelhão de gado
Foi ver se passava um quengo
Mas foi quem sahiu quengado

Disse o gatuno ao Cancão
Patrão eu tenho um dinheiro
E desejava fazer
Transações com o caválheiro
Disse o «Cancão» è preciso
Que eu o examine primeiro

O ladrão quando ouviu isso
Ficou bastante assombrado
O «Cancão de fogo» disse
Ladrão eu sou dellegado
Desde as trez horas da tarde
Que eu tinha sido avisado.

O ladrão ficou immovel,
Sem saber o que fisesse
Pensou que aquelle dinheiro
Se accaso o «Cancão quisesse
Seria um meio que com elle
Uma escapula lhe desse

Meu moço disse o ladrão.
Por vida de vosso pais
Tenha de mim compaichão
Deixe-me aqui ir em paz,
Me sorte que lhe prometo
Nunca hei de roubar mais

Ahi tirou o dinheiro
E disse senhor delegado
Pegue 2 contos de reis
Aceite de seu creado
«Cancão» tomou o dinheiro
E disse vá com cuidado
Botou-lhe um cêrco por fóra
Adiante denunciou-o;
A patrulha foi atraz,
Minutos depois pegou-o;
O gatuno conheceu
Que outro gatuno roubou-o
O ladrão confessou tudo
Quando o policia o prendeu
Inda caçaram o «Cancão»
Elle desapareceu
O gatuno na cadeia
Deu-lhe a bexiga e morreu.
Um preto aqui fazendeiro
No tempo da escravidão,
Botou-o como empregado
Elle uma occasião
Foi a um comprador de escravos
E lá vendeu o patrão

Metteu o cobre no bolço
E ninguem poude o achar
O preto viu-se apertado
Para desembaraçar;
O que «Cancão» tinha feito
Deu trabalho desmanchar

Eu não sei como o collega
Mora no Rio de Janeiro,
Não sabia que o «Cancão»
Era o maior estradaeiro
Estradeiro não!—ladrão
Vigarista verdadeiro

Tambem o dr. Siqueira
Ficou encolerizado;
Passou em Bello Horizonte,
Uma noite incomodado
Pelo conto de vigario
Que o «Cancão» tinha o passado

Dizia:—Sou escrivão
Nunca roubei um vitem
Trinta, quarenta mil, reis,
Não é roubo de ninguem
O roubo que eu considero
E' o que passa de cem

E eu!? fazer o enterro
Do diabo do ladrão!
Gastar seis centos mil reis
Sem a minima precisão!
Da sepultura a um gatuno!
Como que fosse um Barão
Raios te partam damnado,
Lá por onde tú andarres!...
O prejuizo que eu tive
No inferno has de pagares!
Tenho fé na providencia.
Que lá tú tens que amargares
Quasi tresentos mil réis
Nesta viagem gastei,
Quando o diabo morreu
Quantas passadas eu dei!
Gastar meu tempo o dinheiro
Vejam agora o que lucrei!
Tambem voltou apitando
Com a carranca mais feia,
Chegou em casa deitou-se
E não quiz saber de ceia,
E soube que o juiz
Já tinha ido a cadeia

Porque foi em Canta Gallo
Vêr lá a casa que herdou
Na rua de S. Gonçalo
A dita casa encontrou
O morador era o dono
A quem elle o intimou
Como o dono não sahiu
Botou a pulso para fora;
O homem foi a policia
Prendeu-o na mesma hora
O botaram no azylo
Quasi que não vem embora
O escrivão logo cedo
Foi a casa do «Cancão»
E disse para a mulher delle
Seu marido era ladrão,
Depois de morrer roubou-me
Eu sendo delle escrivão
A senhora viu a casa
Que elle para mim deixou?
Sendo a casa de uma orphã
Que o diabo não comprou
Disse a mulher do «Cancão»
Doutor, elle não levou

E meu marido deixou
O predio que o Snr diz
Deixou vinte e um estados
Que tem em nosso paiz
Ficou para quem quisesse
Elle nada disso quiz.

O doutor corou e dise:
Tambem garanto a senhora
Se Deus botal-o no céu
Pode esperar pela hora
De uma das «quengadas» delle
Que bota até Deus para fór a

Porque eu nunca encontrei,
Ladrão fino como aquelle
Desgraçado do defunto
Que sepultasse com elle
Eu acho «Cancão capaz,
De roubar os ossos d'elle

E a senhora tambem
Desculpe a minha ousadia
Vossa mercê herdou d'elle
Costume e categoria
Pois a mulher do philosopho
Aprende bem philosophia

A mulher disse: Doutor
Meu marido não roubava
Mas com alguns escrivões,
Elle se communicava
Sendo um pouco intelijente
Muitas cousas decorava

Elle chamou os senhores
Quando estava aqui prostado
Porque queria imitar
O Cristo crucificado
Queria tambem morrer,
Com um ladrão de cada lado

Doutor sabe que a pessôa
Estando perto de morrer
A's veses sente remorços
E teme de se perder
Disem que no outro mundo
As pessôas hão de sofrer

Acha-se o principio desta obra
nos APUROS DE UM GO-
VERNO DECAHIDO

*Este livro não está
nesta coleção*

O dr. não viu o frade
Vir também por sua vez?
E não viram meu marido
Que barulho logo fez?
Disse, eu chamei dois ladrões
Não é preciso de trez.

Ahi disse o escrivão
Dê licença eu vou embora
—Sou obrigado a dizer,
Estou com mêdo da senhora
Eu acho vossa excelencia
Capaz de vender-me agora

Até logo senhor doutor
Disse a mulher de Cancão
Aqui fico as suas ordens
Se acaso houver precisão
Tem uma creada aqui.
A sua disposição.

Damna-te cachorra doida
Disse o escrivão correndo
O diabo é quem vem cá
Ainda estando morrendo,
O quengo de teu marido
Farece que em ti estou vendo

6039

AGENTE:

Parahyba (Capital)—Chagas Baptista,
Irmão

Alagoa Grande— Delfino Costa

Guarabyra—A. Baptista Guedes

Em Rio Branco—Manoel Vianna

Em Manaus—Benjamin Cardozo

Em Caruarú—João de Barros

Em Pesqueira—José Liberal

Em Pombal (Parahiba)—Camillo X.
de Farias.

Em Sta Luzia.—Parahyba

José Nunes Figuerêdo.

Em nossa biblioteca particular encontra-se sempre vinte e tantas, qualidades de folhetos deste autor.

Remete-se pelo correio mediante a importancia qualquer quantidade, para qualquer Estado.

*O autor reserva o direito de
❖ propriedade. ❖*

34 Rua do Alecrim 34

(1268)